

O gerenciamento de conteúdos digitais no acervo fotográfico do Instituto Moreira Salles

Managing the digital content of the photography collection of the Instituto Moreira Salles

Roberta Zanatta

Graduada e mestre em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente trabalha na Área de Fotografia do Instituto Moreira Salles.

roberta.zanatta@ims.com.br

Sergio Burgi

Graduado em Ciências Sociais pela USP e pós-graduado no Mestrado em Conservação Fotográfica da School of Photographic Arts and Sciences, do Rochester Institute of Technology (EUA) onde obteve em 1984 os diplomas de Master of Fine Arts in Photography e Associate in Photographic Science pelo Rochester Institute of Technology. É membro do Grupo de Preservação Fotográfica do Comitê de Conservação do Conselho Internacional de Museus (ICOM) e coordenador da área de fotografia do Instituto Moreira Salles.

sergio.burgi@ims.com.br

RESUMO:

O Instituto Moreira Salles possui um acervo fotográfico com cerca de 800 mil imagens, que vão do século XIX ao século XX, com variados temas, como as transformações da paisagem urbana brasileira, arquitetura colonial e moderna do Brasil, cultura, festas populares, o mundo do trabalho, urbano e rural, entre outros. Neste artigo será apresentada a experiência do Instituto com o *software* para banco de imagens Cumulus (Canto), no qual são trabalhadas as fotografias digitalizadas do acervo e suas respectivas informações. Após a catalogação das imagens um percentual é selecionado e disponibilizado na Internet, por meio de uma interface espelhada e editada. Desse modo, o processo de disponibilização digital das fotografias e informações torna-se extremamente dinâmico, o que suscita discussões, no contexto atual, sobre as diversas formas de interatividade, sobre a importância de dinamizar o acesso à imagem e à informação nela contida. Ao longo do tempo, a fotografia sempre teve um papel fundamental, não apenas ilustrando livros, revistas e propagandas, mas sendo ela mesma também objeto das artes visuais. Em meio a um cenário com tantas tecnologias, a possibilidade de difusão da imagem é hoje uma realidade e faz com que se pense em suas implicações e significações.

Palavras-chave: fotografia; gerenciamento de conteúdos digitais; difusão de acervos.

ABSTRACT:

The Instituto Moreira Salles (Moreira Salles Institute) has a photographic collection of around 800,000 images, spanning from the 19th to the 20th century, with a variety of themes such as the transformations in the Brazilian urban landscape, Brazilian colonial and modern architecture, culture, popular festivals, the world of work and the urban and rural world, among others. In this article, we will present the Institute's experience with software for image banks Cumulus (Canto), through which the collection's digitised photographs and their respective information are processed. After the images are catalogued, some are selected and made available on the Internet by means of a mirrored and edited interface. In this way, the process of making the photographs and information available digitally becomes extremely dynamic, which, in the current context, arouses discussions about the many forms of interactivity and the importance of making the access to images and the information contained in them more dynamic. Photography has always played a vital role throughout its history, not only illustrating books, magazines and advertisements, but also as an object of visual arts itself. In a scenario with so many different technologies, the possibility of image dissemination is today a reality and makes one think about its implications and meanings.

Keywords: photography; digital content management; dissemination of collections

O acervo do Instituto Moreira Salles (IMS) abrange um importante conjunto de imagens que vão do século XIX ao século XX, totalizando cerca de 800 mil itens. Dentre os autores de maior destaque podemos citar: Marc Ferrez, Augusto Malta, Guilherme Gaensly, Revert Henrique Klumb, George Leuzinger, Augusto Stahl, Marcel Gautherot, Thomaz Farkas, José Medeiros, Maureen Bisilliat e David Zingg. A variedade de formatos e processos fotográficos também é muito diversificada. Entre eles, pode-se citar, em meio a outros: filmes, chapas, postais, estereoscopias, cartes de visite, negativos de vidro, autocromos, colotípias, daguerreotípias e fotografias em albumina e gelatina/prata. Nota-se que existe um abrangente leque de processos que demandam tratamento e organização em um acervo complexo e de extremo valor histórico e cultural.

Para organizar e disponibilizar um acervo desta envergadura é preciso sistematizar listas de autores, técnicas, formatos, localidades, características de deterioração, e outras informações que, acessadas por meio de um banco de imagens que compile imagem e sua respectiva ficha de catalogação, possibilite uma rápida e eficaz recuperação da informação desejada. Esse é o desafio que se coloca para alimentar consistentemente um instrumento de acesso à informação que, ao mesmo tempo, é inventário visual e base catalográfica para tratamento de metadados, e que também permite disponibilizar imagens em um *site* de busca acessado através da página do IMS na Internet. No presente artigo será discutida, portanto, a experiência do IMS com o uso de uma ferramenta específica de gerenciamento de conteúdos digitais¹, o *software* Cumulus, da empresa alemã Canto, que vem sendo utilizado desde 2003 para trabalhar o acervo de imagens do Instituto. O Cumulus possui uma versão de trabalho, Cumulus Client, e uma versão de Internet, Cumulus Sites, na qual as imagens selecionadas do acervo do IMS vêm sendo disponibilizadas.

São muitas as etapas percorridas durante o processamento técnico das imagens, como: restauração do original, quando necessário; acondicionamento e preservação, por meio da manutenção de um ambiente com condições ideais de temperatura e umidade; captura digital, por *scanner* ou câmera fotográfica; tratamento digital; catalogação; pesquisa e revisão. Somente ao concluir todo esse percurso, as imagens são disponibilizadas ao público, via *site*, e se tornam acessíveis de qualquer computador, celular, Ipad, ou outro dispositivo eletrônico conectado à Internet.

A guarda de acervos fotográficos representa um alto custo, pois além da execução de todas as etapas listadas acima, requer capital humano qualificado para tais tarefas e um maquinário de alta tecnologia, em constante processo de obsolescência e renovação. A manutenção de uma Reserva Técnica Fotográfica (RTF) que mantenha salas em seu interior com temperatura a cerca de 17°C e a 40% de umidade relativa, também é um desafio por conta de nosso clima tropical úmido. Felizmente, no IMS, foi possível desenvolver não só um sistema de salas de guarda climatizadas, como também instalar uma câmara de baixa temperatura (18°C negativos e 35% de umidade relativa) capaz de estabilizar negativos em

estado avançado de deterioração. O laboratório de conservação fotográfica da RTF/IMS está equipado para tratamento de transferência de emulsão de filmes com suporte deteriorado para um novo suporte, o que é possível graças a um laboratório fotográfico especializado, que também compõe a estrutura da reserva técnica fotográfica do Instituto.

Assim, após todas as etapas de preservação, conservação, restauração, reprodução digital e pesquisa para catalogação, realizadas com sucesso, coloca-se a questão do acesso digital. A discussão sobre digitalização e acesso assume dimensões que vão muito além de sua difusão e uso. Em 2007, a Academy of Motion Picture Arts and Sciences (AMPAS), publicou um texto traduzido pela Cinemateca Brasileira em 2009 com o título *O dilema digital*: questões estratégicas na guarda e no acesso a materiais cinematográficos digitais. Este texto trata do caso da guarda de películas em Hollywood e de sua digitalização e levanta questões abrangentes. *O dilema digital* discute o uso de equipamentos, mídias, migrações, formatos, custos, preservação do original digitalizado, armazenagem das cópias digitais e gerenciamento de direitos; questões pertinentes a todas as instituições que possuem ou que virão a possuir arquivos digitais.

O Banco de Imagens do Instituto Moreira Salles

Os bancos de imagens podem concentrar várias funções, como uma ferramenta de gerenciamento do acervo, permitindo acesso a imagens e documentos com suas respectivas informações, sem que se precise manusear originais e com um rápido retorno de busca. Vem se tornando cada vez mais frequente a prática da digitalização de acervos e sua difusão por meio da Internet. No Rio de Janeiro, em 2000, o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) teve a iniciativa pioneira de colocar *on-line* a base Accessus – Documentos de Arquivos Pessoais – que começou disponibilizando um inventário de seu acervo e, em 2001, publicou suas primeiras imagens digitais de coleções e, em 2004, publicou também documentos textuais digitalizados. Atualmente a maioria das instituições de guarda de acervo possui uma interface *on-line* e disponibiliza de alguma maneira seus acervos, como a Biblioteca Nacional e a Fundação Casa de Rui Barbosa.

O IMS começou a disponibilizar parte de seu acervo *on-line* entre 2004 e 2005 e a partir daí vem trabalhando para aprimorar e ampliar o acesso à documentação das suas áreas musical, literária, iconográfica e fotográfica. A área de fotografia do IMS em 2003 começou a utilizar o *software* Cumulus para trabalhar seu acervo fotográfico e, em 2012, iniciou testes com a nova versão do Cumulus, atualizada no mesmo ano, que passou a oferecer a opção de configurar um site no qual as imagens selecionadas podem ser imediatamente publicadas na Internet. Essa experiência foi ao ar em fevereiro de 2013 e tem se mostrado satisfatória à medida que o número de acessos ao *site* do IMS tem aumentado e a possibilidade de atendimento a pesquisadores de outros estados do Brasil e de outros países tem se tornado mais ágil e prática.

O Cumulus Sites é gerenciável a partir do banco de imagens Cumulus, ou seja, as imagens digitais e suas respectivas informações nele trabalhadas podem ser selecionadas para disponibilização na Internet. Dessa maneira, se pode ter, por exemplo, 100 mil imagens no banco, mas se optar por disponibilizar apenas um percentual desse montante. Isso porque nem sempre se faz necessário disponibilizar imagens ainda em processo de catalogação, sem tratamento digital, marca d'água, ou mesmo sequências inteiras de imagens, que muitas vezes têm apenas leves mudanças de plano ou enquadramento. Desse modo, fica aberta a possibilidade de alimentação quase que diária do *site*, à medida que mais imagens vão sendo trabalhadas e finalizadas.

Para garantir a integridade das informações fornecidas é preciso um grande trabalho de pesquisa, pois mesmo as informações consideradas básicas, como autoria, título, local e data, muitas vezes não estão explícitas e necessitam ser investigadas a fundo. A padronização de entradas como: nomenclatura de autores, municípios, processos, formatos padrão, características de deterioração, *copyright* e outras, também é parte essencial do processo. Segundo Jonathan Ward, da Getty Research Institute, que palestrou no seminário internacional sobre Vocabulário Controlado, organizado pelo Sesc/Pinacoteca, em novembro de 2012, é fundamental usar um vocabulário controlado, tudo o que puder ser padronizado, em listas, deve ser. Pois isso evita erros de digitação, agiliza a pesquisa tanto do catalogador quanto do pesquisador e é um meio de compartilhamento de dados entre instituições. Nesse sentido, é preciso ter atenção para o trabalho desenvolvido por outras instituições e estudiosos da área de fotografia, visto que a elaboração de listas de entradas passa pela pesquisa tanto na própria área da fotografia, como em áreas afins, a exemplo da Museologia e da Arquivologia. Entre várias publicações, vale citar: *Thesaurus para acervos museológicos*, de Helena Dodd Ferrez e Maria Helena S. Bianchini; *Subject headings*, da Library of Congress; *Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro*, de Boris Kossoy; *ABC Fotográfico – Dicionário Enciclopédico Ilustrado*, organizado por João Koranyi; e o *Le Vocabulaire Technique de la Photographie* de Anne Cartier-Bresson.

A disponibilização do acervo tanto interna quanto externamente atende a demandas de pesquisa de imagens para publicações, pesquisas acadêmicas, projetos editoriais expositivos, usos em produções audiovisuais, colecionismo, restauração de edificações, entre outras. É interessante notar que o fácil acesso às imagens na Internet faz com que as pessoas que não têm finalidades específicas de consulta se interessem e despertem sua curiosidade para aspectos da cidade que se modificaram, para imagens que as remetam ao passado e a sentimentos de identificação e apreciação da imagem como arte em si mesma.

Os acervos fotográficos devem atender a critérios mínimos de organização devido ao grande número de imagens que em geral compõe os acervos fotográficos. Em certos casos, pode-se priorizar um segmento do acervo para organização e catalogação detalhada, enquanto outro segmento é tratado inicialmente de acordo com os critérios mínimos de organização

previamente estabelecidos. Isso porque as equipes responsáveis por higienizar, organizar, estabelecer arranjo para as coleções, reproduzir e catalogar, para então disponibilizar digitalmente interna e externamente o material trabalhado, não são grandes. E todas as etapas acima citadas pressupõem um trabalho quase que artesanal, mesmo dispondo atualmente de técnicas sofisticadas e de equipamentos fotográficos e de *scanners* de alta tecnologia. O manuseio de originais requer delicadeza e cuidados especiais, além de procedimentos tanto físicos como de pesquisa individualizados, já que nem sempre é passível de padronizações e automatizações.

O banco de imagens digitais tem um papel decisivo na reunião de imagens e de suas informações, sem perder a referência com a imagem original. Digitalizar, catalogar e disponibilizar não significa que o ciclo esteja fechado, pois a preservação do original fotográfico e de sua reprodução digital tem que ser constantemente reavaliadas. O original fotográfico, mesmo depois de acondicionado, deve ser mantido em condições de temperatura e umidade adequadas, como vimos no início deste artigo, e deve ser constantemente monitorado para que se tenha a segurança da manutenção do estado de estabilidade da emulsão e de seu suporte. Já a reprodução digital deve ter *backups* periódicos, a migração de mídia muitas vezes também se faz necessária. Uma possibilidade de gerenciamento destas e de outras condições de preservação da imagem pode ser feita por meio do banco de imagens. No caso do Cumulus, campos de metadados registram a data da captura digital, o modo de captura e o tamanho da imagem, entre outros dados. É possível fazer um monitoramento das imagens em seu local de armazenamento, sendo assim possível programar as datas de revisão dos arquivos periodicamente.

A possibilidade de centralizar informações em um banco de imagens facilita o fluxo de trabalho na medida em que se pode recuperar facilmente, além das informações de catalogação da imagem, dados como utilização das imagens em livros e projetos expositivos. Por exemplo, se um usuário deseja saber quais imagens do fotógrafo José Medeiros integraram a exposição *As origens do fotojornalismo no Brasil: um olhar sobre "O Cruzeiro"*, 2012, basta fazer a busca selecionando o campo "Histórico de Utilização da Imagem" e procurar por parte do título, ou por ele todo, e o resultado trará as imagens solicitadas. Ao preencher corretamente esse tipo de campo da ficha catalográfica, além do retorno de informações precisas, do ponto de vista da memória de uso da imagem, se está construindo toda uma trajetória para o item documental, para a produção do autor e para a própria instituição que detém sua guarda.

Nos dias de hoje, é muito comum a discussão sobre até que ponto se deve avançar na catalogação de um documento. É consenso que, quanto mais informação, melhor, mas também é importante pensar que com a velocidade dos meios de comunicação e difusão do conhecimento, muitas vezes, na divulgação de um acervo não se faz necessário que todas as possibilidades de informação sobre a imagem ou documento em questão sejam

exaustivamente esgotadas. É comum o questionamento: em um espaço determinado de tempo é melhor divulgar e dar acesso a 10 mil documentos com informações consistentes, porém objetivas, como código de catalogação, autor, título, data, local, processo, designação genérica e cromia; ou, divulgar e dar acesso a mil imagens com dados exaustivamente pesquisados, incluindo, além dos dados citados, resumo, notas, estado de conservação, procedimentos de restauração adotados, utilizações da imagem, entre outras? Vale lembrar que pode ser uma opção da instituição escolher determinados campos que considere básicos para serem pesquisados e divulgados para o usuário em um primeiro momento, mas todos os campos de informação de uma ficha catalográfica são fundamentais para a compreensão do contexto de produção da imagem, seu histórico de utilização e quais procedimentos de conservação e reprodução foram realizados ao longo de sua trajetória. No IMS a política que vem sendo adotada é a de divulgar em seu *site*, com consistência e constância, imagens com dados básicos, mas sem deixar de pesquisar em paralelo as demais informações, que podem ser acessados também em consulta ao sistema de Intranet.

Criar um padrão de divulgação de acervos exige o estabelecimento de critérios tanto do ponto de vista da catalogação, como da própria resolução da imagem digital. A partir do momento que se faz a opção por divulgar determinados dados e imagens em detrimento de outros se está assumindo que as fotografias e as informações selecionadas atendem a um padrão de qualidade. Em muitos casos, todos ou grande parte dos campos da ficha de catalogação do IMS² são preenchidos, mas, à medida que se tem como objetivo difundir o máximo possível os acervos, acredita-se que a melhor escolha nesse momento é eleger somente parte dos campos que compõe a informação mínima essencial que deve ter o documento. O que não impede que, em um segundo momento, outras informações sejam acrescentadas às imagens já divulgadas.

Para além da perspectiva da instituição também existe a do pesquisador que quer acesso rápido e objetivo às imagens que deseja consultar. Existem muitos tipos de usuários com diversas finalidades de pesquisa, mas em geral as pessoas não se detêm em dados que não julguem importantes para sua pesquisa. Nesse sentido, uma tela com informações sucintas sobre a imagem atende a demanda da maioria dos interessados. No *site* do IMS a tela inicial exibe a miniatura da imagem e logo abaixo informações, como autor, título, data, local, palavras-chave e código da imagem. Ainda abaixo da imagem existem três ícones que permitem: abrir a imagem em tamanho ampliado; abrir uma tela de informações sobre a imagem; adicionar a imagem a uma cesta de itens pesquisados, que podem ter seu uso solicitado junto ao IMS. Caso o usuário clique no ícone de informações ele acessará uma tela com os dados já visualizados na tela inicial além de outros dados como: dimensão, cromia, designação genérica, processo formador da imagem e *copyright*.

Interatividade

O relacionamento com o pesquisador é muito importante e está cada vez mais facilitado nos *sites* de instituições públicas e privadas, o que permite que o usuário seja também protagonista na interação com a instituição. No Cumulus Sites existe a possibilidade de criar uma conta e salvar pesquisas, além de enviá-las para o IMS. As pesquisas ficam salvas e sempre que o pesquisador acessar sua conta pode dar prosseguimento à pesquisa anteriormente realizada ou iniciar uma nova pesquisa. O relacionamento com o IMS dessa forma é mais ágil e é possível estabelecer um diálogo entre o pesquisador e o IMS, no qual se pode solicitar informações adicionais, uso de imagens e, caso o conteúdo desejado não esteja *on-line*, agendar pesquisas presenciais diretamente no IMS.

As possibilidades de interação por meio da difusão de arquivos digitalizados e acessados via Internet, abrange tanto acervos disponibilizados por instituições públicas e privadas como por pessoas físicas, que criam blogs, *sites*, páginas em redes sociais e postam imagens que podem ser compartilhadas e comentadas por outros usuários. Ao fazer uma breve busca no *site Guia dos acervos e bibliotecas digitais*³, do governo do Estado de São Paulo, uma gama extremamente variada de acervos pode ser encontrada, entre eles estão: *Banco de Imagens do Estado de São Paulo*⁴, com imagens dos municípios do Estado de São Paulo, destacando pontos turísticos; *Domínio Público*⁵, biblioteca digital gerenciada pelo Ministério da Educação com conteúdo gratuito em domínio público, como livros, imagens, áudios e textos; *Flickr Creative Commons*⁶, comunidade de usuários que postam imagens públicas por eles consideradas criativas e que podem ser usadas e compartilhadas mediante tipos de licença estabelecidos pelos responsáveis pelos posts; *Mutopia*⁷, página na qual se pode baixar livremente partituras. Enfim, as possibilidades de compartilhamento digital se estendem quase que indefinidamente, são muitas comunidades virtuais, atendendo aos mais variados interesses.

O IMS segue na direção de ampliar a visibilidade de seu acervo e com isso proporcionar ao pesquisador navegação entre diferentes coleções e autores. Os principais temas encontrados nas imagens das coleções do IMS são: as transformações da paisagem urbana brasileira ao longo dos séculos XIX e XX; a arquitetura colonial e moderna do Brasil; o retrato na fotografia brasileira do século XIX e XX; a cultura e as festas populares nas diversas regiões do país – em registros que cobrem especialmente o período compreendido entre as décadas de 1940 e 1970; a urbanização e o desenvolvimento industrial decorrentes dos investimentos em energia elétrica realizados no início do século XX; o mundo do trabalho, urbano e rural; a paisagem natural. A difusão de seu acervo não se restringe somente ao *site* do IMS e ao Cumulus Sites, mas se amplia em compartilhamentos em sua página do Facebook⁸, no Instagram⁹ e no Blog do Instituto¹⁰.

As possibilidades de difusão de imagens e de diálogo entre pessoas que transitam na esfera do mundo fotográfico podem ter vários desdobramentos. Em dezembro de 2009,

durante a realização do 5º Paraty em Foco¹¹, um grupo ligado ao contexto de produção fotográfica se reuniu e começou a esboçar a criação de uma rede, com o objetivo de estabelecer conexões, não só entre seus pares, mas também com o Ministério da Cultura. Ao longo do ano de 2010 a ideia se consolidou e foi criada “A Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil”. No *site* da Rede¹² é possível acessar um banco de exposições, calendário de eventos, textos, cursos e editais sempre ligados ao tema da fotografia. É um espaço aberto de interatividade entre todos que se interessam pelo tema, como protagonistas, ou, como expectadores. A Rede se apresenta como:

A Rede de Produtores Culturais de Fotografia no Brasil – RPCFB (Rede) é uma associação de gestores do processo de criação no campo da fotografia formada por representantes de festivais e encontros, curadores, editores, professores, escolas de graduação e pós-graduação, cursos livres, galerias, ações socioculturais, associação de classe e fotoclubes, entre outros. Está presente em 25 estados em todas as 5 regiões da federação, e conta com 132 filiados efetivados e 120 em processo de filiação, que estão à frente das principais iniciativas do país no setor, constituindo a maior rede de conexão entre profissionais dedicados à difusão e ao mercado da fotografia brasileira. É uma grande obra coletiva que pretende estabelecer um canal de comunicação entre os diversos setores da fotografia brasileira colocando-se como uma legítima representante das iniciativas culturais no âmbito fotográfico capaz de manter uma interlocução direta com o Ministério da Cultura.

Outra perspectiva que vem sendo discutida é a do compartilhamento de acervos entre instituições. Em 2011 a *Rede nacional das instituições comprometidas com políticas de digitalização dos acervos memoriais do Brasil – Rede Memorial*, começou a promover uma série de encontros que resultaram na Carta do Recife¹³. A Carta explicita que:

No atual contexto de desenvolvimento da sociedade de informação e de expansão da economia da cultura e da cultura digital no Brasil, é imperativo definir uma política pública para a digitalização de acervos memoriais (referentes ao patrimônio cultural, histórico e artístico brasileiros). Uma tal política, de alcance nacional e que envolva os três níveis da Federação e as instituições privadas comprometidas com a guarda de acervos de valor cultural, será essencial para orientar as iniciativas de patrocinadores, agências financiadoras e fundos que tem oferecido recursos públicos e privados para a reprodução digital dos acervos e a sua publicação na rede mundial de computadores (internet).

Instituições como a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (Projeto Brasileira USP), Laboratório de História Oral e Imagem (UFF), Arquivo Público Estadual da Bahia, Fundação Joaquim Nabuco e Instituto Ricardo Brennand, entre outras, assinaram a Carta e continuam a se reunir com outras instituições que também participaram do seu processo de elaboração, que teve uma segunda versão em 2012, mas ainda não divulgada. No encontro realizado em 2012, o IMS e outras instituições que não participaram da primeira etapa do processo em 2011, como o Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, compareceram

ao encontro e participaram das discussões no intuito de compreender melhor esse modelo interinstitucional de compartilhamento de acervos. Ainda falta avançar muito nesse sentido, mas somente o fato de já se apresentar toda uma movimentação que está agregando diversos interlocutores culturais indica que o caminho a se seguir pode apontar para um horizonte amplo e agregador.

As imagens no conhecimento e na comunicação

Pensar o atual contexto tecnológico, no qual se convive com diversas ferramentas eletrônicas que possibilitam em até “dois cliques”, um clique para tirar a foto e outro para compartilhá-la, fazer com que uma imagem circule mundo afora, faz com que se esqueça de um passado relativamente próximo, no qual o uso de imagens passou a ser difundido, em grande parte, por meio das revistas ilustradas. No texto de Helouise Costa, *A invenção da revista ilustrada*, publicado em: *As origens do fotojornalismo no Brasil: um olhar sobre O Cruzeiro* (2012, COSTA, Helouise; BURGI, Sérgio) fica claro como no início do século XX o uso e difusão de imagens também foi uma grande revolução.

A revista ilustrada foi um produto característico da cultura moderna, gerado pelo sistema de produção capitalista de bens de consumo de massa nas duas primeiras décadas do século XX. Seu surgimento esteve intimamente relacionado ao avanço tecnológico que permitiu a inclusão da fotografia nas páginas dos periódicos, à industrialização da imprensa, à comercialização da notícia, e à expansão da publicidade. Mídia dinâmica e inovadora, cujos antecedentes se encontram nos semanários de atualidades do século XIX, a revista ilustrada potencializou as promessas da reprodutibilidade técnica, transformando a imagem fotográfica em algo maleável, transportável e capaz de adaptar-se facilmente aos sistemas de circulação e consumo impostos pela modernidade. Não por acaso a revista ilustrada foi o principal território no qual se desenvolveu e consolidou o fotojornalismo moderno. As revistas ilustradas tiveram seu período de maior relevância social entre as décadas de 1930 e 1950, quando os discursos que veiculavam atingiram um vasto público leitor junto ao qual conquistaram grande poder de persuasão.

Esta reflexão sobre o uso de imagens nas revistas ilustradas faz pensar que inovações estão acontecendo o tempo todo e cada vez mais “novos usos” vão sendo dados a imagens e registros documentais. Nesse sentido, a sala de aula é um grande exemplo para se pensar no grande número de novos recursos que se pode usar para passar os conteúdos curriculares aos alunos a partir de imagens. Se voltarmos algumas décadas no tempo, temos: quadro negro, giz, livros (nem sempre ilustrados), cadernos, lápis e borracha. Nos dias atuais: vídeoaula, quadros eletrônicos, imagens ampliadas de alta qualidade, *tablets*, livros (ilustrados em sua maioria), passeios virtuais, material didático interativo, entre outros recursos. Este cenário explica a crescente demanda por imagens para utilização em fins acadêmicos em instituições

de memória, detentoras de importantes acervos históricos, como é o caso do IMS. Como demonstrar para novas gerações o que era um bonde com tração animal? Como pensar Brasília sem suas construções monumentais? E, como falar sobre um Rio de Janeiro que tinha de pé o morro do Castelo; que não tinha o aterro do Flamengo e nem o aeroporto Santos Dumont; e no qual o mar vinha até a igreja de Santa Luzia, em plena avenida Presidente Antônio Carlos? As imagens hoje integram necessariamente o conjunto amplo de fontes que permitem a estruturação de respostas qualificadas para estas e inúmeras outras questões.

Conclusão

O presente artigo buscou demonstrar como, através da difusão de acervos por meio de bancos de imagens, é possível expandir os limites da informação e do conhecimento a partir de coleções de fotografias de extremo valor artístico, cultural e histórico, como as reunidas no acervo fotográfico do IMS. O trabalho de organização e preservação de acervos possibilita que novas gerações possam ter acesso a um passado que se perdeu em meio a mudanças sociais, obras, demolições e novas construções. Diversas histórias sobre determinado local ou grupo são transmitidas por intermédio da memória visual, são fragmentos de história que sob um olhar mais atento e analítico ganham contornos e nuances que de outra maneira não seriam revelados. O uso de imagens permite que diferentes disciplinas se encontrem e dialoguem. Por exemplo, é possível que estudiosos da área de Arquitetura, História e Ciências Sociais, entre outros, façam pesquisas em um mesmo conjunto de imagens de Marcel Gautherot, sobre a construção de Brasília, e façam diferentes leituras, que podem se complementar e entrecruzar. Os acervos fotográficos refletem a vida em seus diversos aspectos, talvez por isso mesmo a necessidade de compartilhar e difundir imagens, pois em cada imagem está um pouco de nossa própria história.

Anexo 1

Campos da ficha de catalogação de fotografias do Instituto Moreira Salles¹⁴

Categorias

Código do arquivo digital

Código de catalogação

Código de identificação preliminar

Autoria

Confirmação de autoria

Autoria associada/ comercial

Referências de autoria conhecida

Título

Título no original
Local
Município
Estado
País
Data
Data limite inferior
Data limite superior
Resumo
Informações de fonte primária
Notas
Notas internas
Fontes
Sobre a coleção
Sobre o autor
Designação genérica
Processo formador da imagem
Cromia
Dimensão
Formato padrão
Descrição física do objeto
Estado de conservação
Características de deterioração
Tratamento proposto
Tratamento realizado
Reprodução
Informações sobre reprodução e original reproduzido
Integrante de conjunto
Produção/ publicação/ edição (objeto fotográfico)
Outros itens com a mesma imagem
Histórico de utilização da imagem
Localização física do original
Copyright
Status
Arquivo Digital
Data da catalogação e catalogador
Histórico de atualização do registro
Seleção web

Notas

1 - Digital asset management – DAM.

2 - A relação com todos os campos contidos na ficha de catalogação de imagens do IMS está no anexo 1.

3 - Para acessar: <http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/temasdiversos-bibliotecaseacervosdigitais.php>

4 - Para acessar: <http://www.fcvb-sp.org.br/bancodeimagens/>

5 - Para acessar: <http://www.dominiopublico.gov.br>

6 - Para acessar: <http://www.flickr.com/creativecommons/>

7 - Para acessar: <http://www.mutopiaproject.org>

8 - Para acessar: <http://www.facebook.com/instituto-moreirasalles>

9 - Para acessar: [instagram.com/imoreirasalles](https://www.instagram.com/imoreirasalles)

10 - Para acessar: <http://www.blogdoims.com.br/>

11 - Evento voltado para área de fotografia, que reúne fotógrafos e admiradores das artes fotográficas, no qual são realizados cursos, exposições e oficinas sobre o tema.

12 - Para acessar: <http://rpcfb.com.br/wp/>

13 - Para acessar: http://www.redememorial.org.br/Carta_do_Recife

14 - Estas informações, eventualmente, estão sujeitas a possíveis adequações e atualizações.

Referências Bibliográficas

CARTIER-BRESSON, Anne. *Le vocabulaire technique de la photographie*. Paris: Marval: Paris Musées, 2008.

KORANYI, João. *ABC fotográfico: dicionário enciclopédico ilustrado*. São Paulo: Iris, 1950.

KOSSOY, Boris. *Dicionário histórico-fotográfico brasileiro: fotógrafos e ofícios da fotografia no Brasil (1833-1910)*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.

BIANCHINI, Maria Helena S.; FERREZ, Helena Dodd. *Thesaurus para acervos museológicos*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 1987 (Série Técnica).

Library of Congress. *Subject headings*. Washington: Library of Congress, 1996.

O dilema digital: questões estratégicas na guarda e no acesso a materiais cinematográficos digitais. São Paulo: MinC: Secretaria do Audiovisual: Cinemateca Brasileira, 2009

COSTA, Helouise; BURGI, Sérgio (orgs.). *As origens do fotojornalismo no Brasil: um olhar sobre O Cruzeiro*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.

Sites:

<http://ims.uol.com.br/>

<http://fotografia.ims.uol.com.br/Sites/>

<http://www.canto.com/>

<http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/temasdiversos-bibliotecaseacervosdigitais.php>

<http://www.gettyimages.com.br/>

<http://www.fcvb-sp.org.br/bancodeimagens/>

<http://www.dominiopublico.gov.br>

<http://www.flickr.com/creativecommons/>

http://www.redememorial.org.br/Carta_do_Recife

<http://rpcfb.com.br/wp/>

Recebido em 30/04/2013



Resenhas

